

OS VALORES CRIMINOSOS DE GENTE SEM CORAÇÃO

por António B. Cuna

N. 20/10/83

Há vários dias que vi e ouvi Domingas, na margem sul do Rio Zambeze, na capital provincial de Tete. A sua imagem mantém-se ainda bem viva na minha memória. Não por se tratar de uma Domingas anormal, com características físicas diferentes de outros seres humanos. Guardo a imagem de Domingas por uma simples mas preocupante razão: ela é uma das pessoas que moral e fisicamente sofreram as atrocidades dos bandidos armados, esse prolongamento do exército sul-africano.

— Os bandidos armados no lugar do coração têm uma pedra e o seu cérebro não deve estar no lugar — foi este desabafo de um velho que reapareceu-me na memória, após ter ouvido a história de Domingas, contada por ela própria.

Domingas foi raptada pelos bandidos armados em 1981, em Inhambupe. Ia para a escola para se libertar da ignorância, para aprender a

ler, escrever e contar para melhor poder, na sua aldeia, lutar contra o subdesenvolvimento e contra a fome. Frequentava a terceira classe, e no momento da sua captura tinha apenas dez anos. Com esta idade, ser retirada do ambiente familiar à força é já um martírio. Mas, como se isto não bastasse, os bandidos armados obrigaram a pequena Domingas a fazer longas caminhadas a pé e pelo mato e, pior ainda, com pesados

fardos roubados pelos bandidos à população.

Andaram com ela de um refúgio a outro. Fugindo às nossas forças, passaram o Save, para Manica. Daí, Domingas foi levada pelos bandidos armados ainda mais para norte, acabando por ir parar à Província de Tete.

Um dia, Domingas foi obrigada pelos bandidos armados a ir à procura de comida. E lá foi, mas não

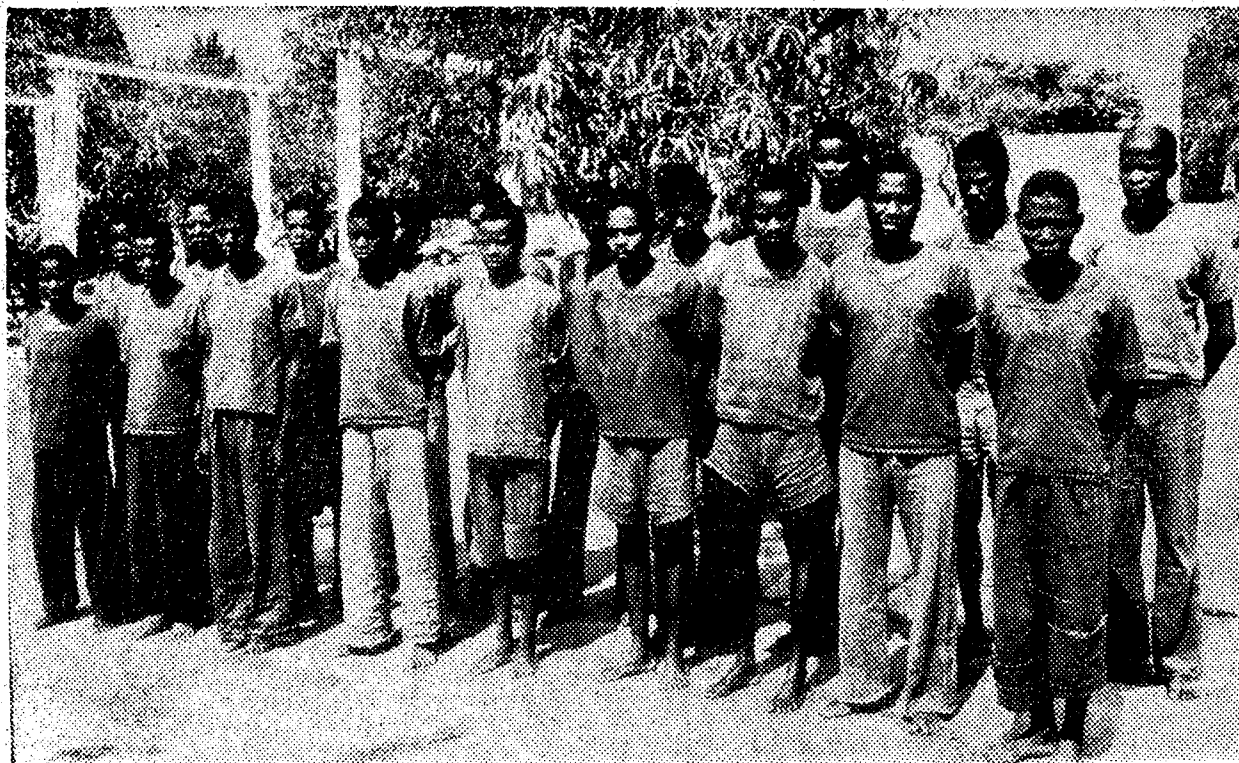
com intenção de regressar ao refúgio dos bandidos armados. E mesmo não regressou, embora sabendo as longas caminhadas a fazer, até conseguir alcançar a povoação mais próxima. Corajosa, Domingas, já com treze anos, lá caminhou pelo mato, dormiu sem nada ter metido no estômago, até que finalmente alcançou a povoação mais próxima e imediatamente foi apresentar-se às estruturas competentes. Até hoje, o seu corpo ainda ostenta marcas das duras condições a que esteve sujeita durante a sua permanência forçada nas mãos dos bandidos armados: feridas em algumas partes do seu corpo.

Minutos após a conversa, Domingas dirige-se à margem do Rio Zambeze. Durante longos minutos ela contempla as águas do rio, a pensar, certamente, nas duras condições a que esteve submetida, a pensar na interrupção forçada da aprendizagem do ABC e a pensar, fundamentalmente, no pai, na mãe, nos irmãos e nos amigos do banco da escola.

Quem fala da Domingas fala de outras pessoas que foram ou que estão sujeitas às mesmas ou até piores condições, como é o caso daquela menina que, por trazer, um quilo de pepino ambicionado pelo bandido armado, foi barbaramente assassinada a tiro.

Separei-me de Domingas. Enchi-me de raiva, depois de lembrar que a máquina de propaganda sul-africana e alguns meios de imprensa ocidental apoiam estes criminosos e chamam-lhes combatentes. Combatentes porquê? Do que vi, tiro a prova dos nove de que os «valores» por que se batem estes elementos são o assassinato de pessoas indefesas, o rapto e a destruição de infra-estruturas económicas e sociais. Os verdadeiros objectivos que estes criminosos querem destruir são a paz, o progresso, a justiça, o bem-estar, a independência e a felicidade do Povo moçambicano.

Contudo, a história ensina-nos que a Revolução sempre se alimentou do desejo dos povos pela paz, progresso, justiça, bem-estar, independência e felicidade.



Alguns dos bandidos armados capturados em Tete. (Foto de Fernando Timane)